

GLENN COOPER

MAIS DE 6 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS



«Para os fãs de
*O Código
Da Vinci.*»

PUBLISHERS
WEEKLY

OS FILHOS DE DEUS

Três virgens grávidas.
Três milagres inesperados.
Um segredo mortal.

TOP
SEL
LER



Prólogo

As audiências gerais mantidas às quartas-feiras de manhã pelo Papa Celestino IV no Vaticano tendiam a ser acontecimentos felizes da sua agenda, momentos em que podia voltar a ligar-se à sua congregação tão vasta num ambiente descontraído e até festivo.

Nessa manhã, o Papa acordou cedo, rezou na capela da sua residência de Sanctae Marthae e tomou o pequeno-almoço no refeitório, numa atmosfera de convívio comunitário com elementos da sua equipa.

Com o tempo já a correr para ir fazer a sua preparação final para a audiência, Celestino levantou os olhos e viu a sua secretária pessoal e o cardeal secretário de Estado entrarem no refeitório, com expressões que lhe pareceram de grande preocupação.

Celestino levantou-se, pedindo licença aos circunstantes, e foi falar com eles numa mesa livre a um canto da sala.

— Que se passa? — perguntou. — Estão ambos com cara de más notícias.

A Irmã Elisabetta, sua secretária pessoal, pousou um dossiê diante do Papa.

— Santo Padre — disse —, pensamos que talvez queira preferir uma homilia diferente esta manhã.

— E porquê?

— Tem que ver com o público da audiência — disse o Cardeal Da Silva. — Está bastante... anémico.

— Anémico, como?

A Irmã Elisabetta tinha ido a uma das janelas de cima do Palácio Apostólico, que dava para a Praça de São Pedro, para tirar fotografias com o telemóvel, que lhe mostrou.

O Papa pôs os óculos de ler.

— Caramba! — exclamou. — Quando é que tirou estas fotografias?

— Há apenas um quarto de hora.

— O Sol brilha, Santo Padre, o céu está azul, a temperatura é amena... — disse Da Silva. — Mas as pessoas não vieram.

O Papa olhou de novo para as fotografias. Num dia como aquele, a *piazza* de São Pedro devia estar transformada num mar de gente, com turistas oriundos de dezenas de países, romanos, peregrinos, clérigos de toda a Itália e da Europa. Mas agora o terreno fronteiro ao Vaticano mal parecia estar meio cheio, na melhor das hipóteses, deixando ver grandes porções do chão de pedra.

Um mês antes, a *piazza* enchera-se para a audiência papal, mas depois, a cada semana que passava, percebia-se que o público diminuía. E agora isto. Celestino releu o texto da homilia.

— Bem sei que não escreveram isto hoje — disse.

— Preparámo-la com antecedência, para o caso de ser necessária — explicou Elisabetta.

— É bastante severo, não acha? Excomunhões?

Da Silva acenou com a cabeça de modo afirmativo, com ar solene.

— É o consenso da Cúria, Santo Padre: chegou o momento de sermos mais duros, de combatermos o fogo com o fogo, antes de perdermos por completo o controlo da situação. E hoje é um bom momento para começarmos a combater e a contra-atacar com grande vigor.

Celestino fechou o dossiê e olhou para o espaço. Era um homem volumoso, e nele o peito enorme subia e descia pondo em movimento a cruz peitoral.

— Será a culpa minha? — interrogou-se. — Terei forçado as mudanças demasiado depressa? Terei avaliado mal o estado de espírito dos fiéis? Não terei visto os milagres que estavam mesmo à minha frente como milagres que são?

— Santo Padre... — começou Elisabetta, com gentileza.

Os olhos de Celestino já se tinham humedecido quando decidiu responder, interrogando-se:

— Serei eu o responsável pelo maior cisma na História da Igreja Católica?

Capítulo 1

Cemitério público de Tugatog, Manila, Filipinas

Todas as terças-feiras eram, no cemitério, dias de consultas médicas abertas ao público. A um visitante estrangeiro poderia parecer estranho que uma unidade móvel de saúde escolhesse um cemitério municipal como aquele para base de operações, mas, para os habitantes dos bairros degradados de Malabon, na área metropolitana de Manila, Tugatog era uma espécie de zona de segurança. Pelo menos, era seguro durante o dia, porque, à noite, os drogados escalavam os muros e espalhavam-se por entre as sepulturas de cimento empilhadas como prédios de habitação, a injetar-se, a fumar, a inalar e a fazer as suas negociatas. Mas a luz do dia trazia consigo a tranquilidade, e os pobres e os doentes já se sentiam protegidos quando se amontoavam entre os mortos e os seus gentis enlutados.

A camioneta que transportava a Unidade Móvel estacionara no local habitual, perto do portão principal, na Dr. Lascano Street. A pequena equipa de voluntários — médicos e enfermeiros vestidos com os polos azul-claros da organização — já estava a meio da sua jornada de trabalho clínico de seis horas quando uma doente adolescente, com óculos de lentes grossas, chegou ao primeiro lugar de uma das filas. Acompanhava-a a mãe, de aparência tão jovem que também podia ter passado por adolescente. Deram uma cadeira de plástico à rapariga, à sombra da pala da camioneta, e ela sentou-se e ficou imóvel, com ar um pouco cansado, abatida pelo calor.

A enfermeira — da etnia Tsino, chineses das Filipinas — olhou para a longa fila de doentes, encostados às sepulturas ou sentados entre elas. O pouco tempo de que dispunha não lhe dava espaço para a simpatia.

— Como te chamas?

A rapariga não respondeu logo.

— Vá lá, miúda, estás a ver quantas pessoas estão à espera?

— Maria Aquino.

— Que idade tens?

— Dezasseis anos.

— O que se passa contigo?

Maria voltou a não responder logo e a mãe respondeu por ela:

— Anda mal do estômago.

— Há quanto tempo? — perguntou a enfermeira.

— Há duas semanas — respondeu a mãe. — Anda sempre a vomitar.

— Tem febre? Diarreia?

Maria abanou a cabeça. O cabelo parecia não ser lavado há muito tempo. A t-shirt estava suja.

— Em que altura do dia é que ela vomita?

— Na maior parte dos casos, de manhã — respondeu a mãe.

— Mas, às vezes, mais tarde.

— Estás grávida? — perguntou a enfermeira, fitando diretamente a rapariga.

— Ela não está grávida! — exclamou a mãe, com ar ofendido.

— Foi a *ela* que eu perguntei — ripostou a enfermeira.

— Não sei — disse a rapariga.

A enfermeira começou a ficar irritada.

— Diz-me lá, tiveste relações sexuais com algum rapaz?

A mãe até pareceu saltar para a enfermeira.

— Ela só tem 16 anos! — exclamou. — É uma boa rapariga. Vai à catequese. Que tipo de pergunta é essa?

— É uma pergunta que uma enfermeira faz a uma rapariga que vomita todas as manhãs — retorquiu a enfermeira, voltando-se para a adolescente. — Quando é que tiveste o período pela última vez?

A rapariga encolheu os ombros.

— Quando é que foi? — insistiu a mãe.

— Não sei, não presto atenção.

A enfermeira dirigiu-se a uma prateleira, de onde tirou um copo de plástico, e disse à rapariga:

— Maria, vai lá para dentro e faz xixi neste copo. Traz-mo depois e espera ali. A seguir!

A enfermeira ocupou-se rapidamente de mais três doentes antes de se lembrar do copo de urina. Pegou numa vareta de plástico, do tipo daquelas que as farmácias vendem às pessoas que têm dinheiro para as comprar, e mergulhou-a no copo. Segundos depois, chamou Maria e a mãe.

— Muito bem, tu estás grávida.

— Não pode! — exclamou a mãe, já encolerizada.

— Olhe aqui para a tira azul: grávida. Agora já te lembras de teres tido relações sexuais, minha querida? — A enfermeira não pôs afeto nenhum na expressão «minha querida».

A rapariga abanou a cabeça, e a enfermeira também.

— Vamos levar-te a um dos médicos para ele te ver — disse a enfermeira. — Meu Deus, não vou conseguir despachar a fila toda.

No interior da camioneta, por trás de uma cortina que garantia a privacidade dos doentes, o médico, outro *tsino*, olhou para a nota da enfermeira e pediu a Maria que se sentasse na marquesa. Depois de um minuto ou dois a tentar ver se a rapariga sabia como é que se ficava grávida, desistiu e subiu os estribos da marquesa.

— Isso é para quê? — perguntou Maria.

— Veste esta bata e tira as cuecas. Vais pôr aí os pés e abrir as pernas. Assim, vou poder examinar os teus órgãos reprodutores.

— Não quero.

A mãe disse-lhe que estava bem assim. Era o que as mulheres faziam.

O médico calçou as luvas e pôs uma lanterna com uma fita na cabeça. Quase se viu obrigado a forçá-la a abrir as pernas.

Espreitando por baixo da bata, resmungou algumas vezes e depois levantou a cabeça.

— Pronto, podes vestir-te.

— O quê? É só assim? — perguntou a mãe. — Isso nem foi um exame adequado.

— Não vale a pena estar a fazer um exame manual ou a usar um espéculo — respondeu o médico. — Ela é virgem. O hímen dela está intacto. Há uma abertura de dimensão adequada para deixar correr o fluxo menstrual, mas é um hímen virginal.

— Portanto, ela não está grávida?

— Não pode estar. Deve ser uma falsa gravidez. Mas nós temos uma análise rápida de sangue que podemos fazer.

— Não gosto de agulhas — choramingou a rapariga.

— É só uma picadinha. Não te preocupes.

Cinco minutos depois, o médico fez correr a cortina e regressou, acompanhado pela enfermeira. Pareciam ambos intrigados.

— O teste deu positivo — disse o médico. — Estás grávida, de seis a sete semanas.

A mãe quase saltou da cadeira.

— Mas disse que...

— Eu sei o que disse. Mas tenho de dizer agora que isto me ultrapassa. Vou mandá-la ao Centro Médico José Reyes para uma consulta com um especialista. Tem de haver uma explicação razoável.

Quando a mãe e a filha saíram da camioneta, com o papel na mão para a consulta no hospital, a enfermeira perguntou ao médico o que é que ele realmente pensava que se passava.

O médico confessou a sua absoluta perplexidade e soltou um riso nervoso antes de responder:

— Já passaram dois mil anos desde que apareceu a última Virgem Maria. Pode acontecer que tenhamos visto o raio de um milagre!

Capítulo 2

Demre, Turquia

No verão, a temperatura diurna na costa sul da Turquia subia de forma opressiva, mas os fins de tarde já traziam uma promessa de ventos suaves e frios do Egeu e de noites bem dormidas. Cal Donovan saboreou a frescura da brisa que lhe entrou pela janela enquanto tomava banho e se vestia, escolhendo as calças de caqui mais limpas e a camisa mais bem engomada de que dispunha.

Deixou-se ficar na sala de estar da pequena casa que partilhava com o colega, o arqueólogo turco Zemzem Bastuhan. Zemzem levantou os olhos do portátil e perguntou:

— Vais sair?

— Estou a pensar em ir beber qualquer coisa, Zem. Queres vir?

— Não dá. Tenho isto para acabar. Diverte-te.

O ar noturno trazia odores de carne grelhada e de especiarias perfumadas. Mas Cal não desceu a colina a caminho do centro da cidade nem dos seus bares cheios de turistas, optando por subi-la na direção da escavação. Se Zem o tivesse acompanhado, seria um revés para os seus planos, mas Cal calculara, e acertara, que Zem declinaria o convite, por ser mais estudioso do que bebedor. O que não se podia dizer de Cal. Desde que chegara à escavação um mês antes, adotara a bebida local, o *raki*, chegando quase a abandonar a sua preferência por vodca. É claro que o desfecho, para as duas bebidas, era o mesmo: alguma infelicidade, algum esquecimento, uma sensação de peso na cabeça na manhã seguinte.

Cal era tratado como um rei por aquelas bandas. Como codiretor das escavações turco-americanas de Myra, trazia o financiamento, que era vital, da Universidade de Harvard e da Fundação Nacional das Ciências para um projeto que estimulava o orgulho nacional. Myra, uma cidade na antiga região grega de Lícia, havia sido um destino de peregrinações dos cristãos bizantinos. Mais conhecida pela igreja do século iv dedicada ao Bispo São Nicolau — famoso por ter estado na origem da figura do Pai Natal —, Myra fora objeto de uma exploração arqueológica recente que revelara uma antiga cidade cristã, enorme e muito bem conservada, por baixo da moderna Demre. O Professor Bastuhan, da Universidade de Istambul, fizera muito do trabalho inicial em Myra, mas, não dispendo de apoio financeiro para prosseguir, pedira a Cal que o acompanhasse na escavação na qualidade de codiretor.

Cal agarrou a oportunidade com as duas mãos. Tinha um contrato duplo como professor de História das Religiões na Faculdade de Teologia de Harvard e de Arqueologia Bíblica do Departamento de Antropologia de Harvard, mas já há algum tempo que não fazia trabalho de campo. Myra dava-lhe a oportunidade de dar uso à sua trolha e de dar aos estudantes de Harvard a oportunidade de passarem o verão a trabalhar na Turquia. A única desvantagem fora a redução dos seus habituais períodos estivais de pesquisas no Vaticano.

Mesmo no escuro, alguns dos habitantes de Demre que andavam nos seus passeios noturnos levantaram-lhe os bonés e murmuraram «*Profesôr*» ao passar. Mais perto da escavação, dois estudantes de pós-graduação de Harvard atravessaram a rua para o cumprimentar.

— Andam a fazer serão? — perguntou Cal.

— Estamos só a acabar a catalogação — respondeu um deles.

E o outro acrescentou:

— Vamos agora para a Mavi, para um copo... ou três. Quer vir?

— Talvez depois. Tenho umas coisas para fazer.

— A Geraldine ainda está lá em cima.

— Ah, está?

Cal sabia que estava.

Geraldine Tison era francesa e já tinham os dois gracejado que todas as boas palavras usadas para descrever o que andavam a fazer — engate, caso, *affaire* — eram de origem francesa. A jovem, professora convidada de Arqueologia na Sorbonne, estava a passar o seu primeiro ano de Myra. Durante a semana inicial das escavações, trabalhara nos pré-fabricados instalados no terreno quando, olhando pela janela, deu por Cal a subir por um escadote numa extensão recentemente aberta, onde ela examinava o que restava de uma capela do século XI, desenterrada pouco tempo antes. Geraldine ainda se sentiu tentada a usar o binóculo, que tinha pendurado numa parede, para ver melhor o homem alto de braços musculados e cabelo preto encaracolado. Mas teria sido anedoticamente óbvio.

— Quem é aquele? — perguntou, nessa altura, à sua colega turca.

— O codiretor americano. O Professor Donovan.

— Pensava que ele era muito mais velho — disse Geraldine.

— Estás interessada?

— Talvez. Talvez não.

Era uma meia-verdade.

Quando voltou a vê-lo na escavação, saiu do pré-fabricado e dirigiu-se à casa de banho das mulheres, exibindo-lhe, com a velocidade de um relâmpago, um sorriso tímido ao passar por ele, que era o equivalente ao atirar de um isco para um lago.

— Olá, sou o Cal Donovan — apresentou-se ele, parando de repente.

— Geraldine Tison.

— Da Sorbonne — reconheceu Cal. — Bem-vinda a Myra. Pensava procurar-te. Gosto de ficar a conhecer os novos professores.

— Como podes ver, já cá estou — replicou ela, num tom melodioso.

— Talvez pudéssemos ir tomar uma bebida esta noite para falarmos do progresso que já fizemos nesta estação — sugeriu Cal. — Aqui entre o pessoal há quem goste de ir ao Mavi's Bar, na cidade.

— Eu gostaria.

A escavação ficava nos arredores da cidade, numa antiga quinta de olivicultura. As sondagens no solo feitas com radar revelaram que a antiga urbe de Myra era muito extensa, alongando-se por baixo de grande parte da Demre contemporânea, mas, logicamente, os arqueólogos só podiam fazer escavações em terra que não estivesse cultivada ou em uso para outros fins na periferia, e na que conseguissem comprar a proprietários agrícolas locais. O campo dos pré-fabricados situava-se a poucas centenas de metros do agrupamento de cabanas mais próximo e, numa noite sem lua, a claridade que saía das janelas era a única fonte de iluminação da zona. E a porta do pré-fabricado não estava fechada à chave.

Geraldine levantou os olhos dos fragmentos de um vaso de cerâmica amontoados sobre a secretária. Era especializada em cerâmica bizantina e muito capaz de decifrar puzzles em três dimensões. Um frasco de cola e um cantil acabado de reconstruir testemunhavam a sua perícia.

— Devias fechar a porta à chave quando aqui estás sozinha — advertiu-a Cal.

— O Gareth e a Anil acabaram de sair.

— Eu encontrei-os.

Cal trancou a porta.

Foi o sinal para ela se levantar, desligar a luz da secretária e aproximar-se dele com movimentos sedutores, a abanar uma garrafa de *raki*. Acabou, lentamente, por se deixar envolver pelos braços dele.

Depois do primeiro beijo da noite, Geraldine respirou fundo e disse:

— Estava mesmo a precisar.

— Há mais de onde este saiu — retorquiu Cal.

Havia uma cama de campanha, de lona, num canto do pré-fabricado, que era uma relíquia dos primeiros anos da escavação, onde alguém devia ficar a dormir para proteger de qualquer roubo os artefactos arrancados à terra. As peças decorativas de bronze, prata e ouro desenterradas ao longo da estação eram agora guardadas num cofre bastante sólido, enquanto os objetos mais

simples, como as cerâmicas de Geraldine, ficavam guardados em gavetas não trancadas. Com a chegada de mais financiamento, foi também instalado um sistema de segurança ligado à esquadra da polícia, mas a cama ficou. Usada por vezes para uma sesta curta de algum estudante, foi-lhe dado melhor uso por Cal e Geraldine. Eram ambos solteiros, mas, na perspetiva de Cal, teria sido pouco profissional exibirem o seu relacionamento. Demre era uma cidade bastante liberal no verão, mas a Turquia era um país conservador e ele, na qualidade de corresponsável pelo empreendimento, não queria incorrer no desfavor do Governo. Não a podia levar para a casa onde se alojara — Zemzem andava sempre por lá — e ela também vivia com colegas, e a utilização da cama de campanha fora o *modus operandi* deles ao longo das últimas semanas.

As suas relações sexuais foram marcadas pela urgência e por um clímax feroz, como sempre acontecera, e depois, no escuro, Geraldine foi até onde ainda não se aventurara: ao futuro.

— Vais-te embora na próxima semana — disse.

A cama era demasiado estreita para uma conversa lado a lado. Cal levantou-se e começou a pôr as roupas no corpo suado.

— Na próxima sexta-feira. Passou depressa, não foi?

— Eu estava a tentar abrandar.

— Ah, sim? Ainda tenho de aprender esse truque.

— Conseguimos fazê-lo vivendo cada momento durante o máximo de tempo que for possível. Exige prática e uma boa dose de concentração.

— E deu resultado?

— Vejamos... — Geraldine riu-se. — Ainda temos esta semana que vem. Voltas para Cambridge, é? Nunca fui a Harvard. Talvez eu pudesse ir lá, um dia, fazer uma visita.

Cal abotoou a camisa e contemplou-lhe o corpo longo e nu. Se fosse sincero, dir-lhe-ia que a estada em Demre poderia ser o último momento em que iriam estar juntos. Mas também não andara a mentir-lhe nas últimas semanas. Só que nunca haviam abordado a questão, e ele partira desse princípio intencionalmente.

— Na realidade, vou para a Islândia antes de voltar para casa.

— Porquê a Islândia?

— Para dizer a verdade, vou encontrar-me lá com uma amiga. Geraldine sentou-se na cama e cruzou os braços por cima dos seios.

— Estou a perceber. É uma amizade a sério?

— É difícil de dizer. Acho que a ideia é descobrir.

Geraldine estendeu a mão para o sutiã no momento em que a maçaneta da porta girou e a fechadura sofreu um abanão. Lá fora ouviu-se uma voz masculina a falar em turco.

— Veste-te — sussurrou Cal.

Um rosto que parecia o de um fantasma apareceu na janela escura. E depois ouviu-se o estilhaçar de um dos vidros onde embateu uma pedra. Pela abertura entrou uma mão, que puxou o fecho e empurrou para dentro a janela partida.

O homem disse, em turco, para o companheiro:

— Tudo bem. Não há alarme.

Cal sussurrou a Geraldine para se meter debaixo de uma secretária.

— O que é que vais fazer? — perguntou ela, em voz muito baixa. Mas já Cal avançava com movimentos furtivos.

O plano de Cal era chegar à parede e agarrar o assaltante pelo pescoço, imobilizando-o, antes de ele poder tocar no chão, mas o homem era rápido como um gato e depressa se achou no interior do pré-fabricado.

A melhor maneira de lidar com uma barata é a luz. Cal premiu o interruptor principal e o pré-fabricado ficou iluminado por uma fluorescência muito brilhante.

O intruso, um homem muito magro de rosto encovado, ficou imóvel ao vê-lo.

— Falas inglês? — perguntou Cal, inclinando-se para a frente, quase nas pontas dos pés.

O homem olhou para os punhos fechados de Cal e respondeu:

— Um pouco.

— Ótimo. O meu turco não é grande coisa. Ponham-se a andar daqui para fora.

Um segundo homem apareceu à janela e disse qualquer coisa em turco.

O que estava no interior respondeu-lhe. Cal tivera esperança de que os dois homens fugissem, mas não era o que parecia que ia acontecer.

Deu mais um passo em frente para manter o homem numa atitude defensiva.

— Abrir cofre — disse o homem, a apontar com um dedo magro e firme.

— Não tenho a combinação. Sai por essa janela, por onde entraste, ou atiro-te lá para fora.

Num movimento bem treinado, o homem exibiu uma faca embainhada, e o segundo assaltante, mais corpulento, começou a forçar a entrada pela janela. As coisas não iam correr bem. O segundo homem devia ter estado à espera de que o amigo lhe abrisse a porta para ele entrar.

O homem mais magro sorriu quando viu Cal a recuar, mas o sorriso desvaneceu-se ao ver como Cal deitava a mão a uma vassoura, que ficara encostada à parede.

Cal avançou na sua direção, com as cerdas apontadas ao ladrão, que recuou até à janela aberta.

O professor era um dos conselheiros do clube de boxe de Harvard e ensinava os neófitos a aproveitar a vantagem sempre que deparavam com uma assimetria. Era melhor recorrer a uma arma de fogo contra uma ameaça com uma faca, mas, naquele momento, a vassoura era o melhor que se podia arranjar.

Carregando contra o assaltante como um soldado com a baioneta armada, Cal apanhou-o na maçã de Adão com a cabeça da vassoura. A grunhir de dor, o homem tentou afastar a vassoura com a mão livre enquanto procurava atingir o corpo de Cal com a faca, o mais de perto que pudesse. Cal recuou e voltou a atacar com a vassoura, apontando-lhe as cerdas à cara e empurrando o ladrão contra a parede.

Quando o homem se desequilibrou, Cal ergueu a vassoura num arco breve e fez a cabeça de madeira cair com força sobre o crânio do assaltante. O *toc!* da madeira a bater no osso sobrepôs-se ao ruído do cabo da vassoura a rachar. Aturdido pela pancada, o homem abriu a mão. A faca caiu e Cal deu-lhe um pontapé,

rapidamente, fazendo-a deslizar pelo chão fora até esta se ir enfiar debaixo de uma estante.

Nessa altura, os ombros do segundo homem já estavam a passar pela janela e ele esperava que a gravidade o ajudasse a fazer o resto. Mas, antes que o pudesse fazer, Cal voltou a sua atenção para ele e atacou-o com a vassoura. Infelizmente para o segundo assaltante, a cabeça da vassoura soltou-se, deixando uma ponta aguçada no cabo, que Cal usou para o espetar num ombro volumoso. A uivar de dor, o homem recuou por inteiro para o outro lado da janela e fugiu, perdendo-se na noite.

Cal ficou sozinho a enfrentar o homem mais fraco e trocou a sua injusta vantagem — a ponta afiada do cabo — pelos punhos, atirando para um canto a lança improvisada. Avançou para o homem e enfrentou-o numa postura agressiva.

Foi o suficiente.

— Vou-me embora, vou-me embora — gemeu o homem, a deslizar para a porta, esforçando-se por abrir o trinco até este ceder e permitir-lhe a fuga.

Passado o perigo, Cal agachou-se, a suar. Aguentara o incidente com a firmeza de uma rocha, mas já se sentia a tremer.

Geraldine saiu do esconderijo.

— Meu Deus, estás bem? — perguntou.

— Sim, estou.

— Nem podia acreditar no que estava a ver! — exclamou, ofegante. — Como é que tu consegues lutar desta maneira, Cal? És professor!

— Às vezes fico chateado — respondeu Cal, a respirar com dificuldade. — É um problema que tenho de resolver.

Capítulo 3

Cal foi chamado à esquadra de Demre no dia seguinte, para identificar um suspeito que entretanto fora detido. Ficou, no entanto, absolutamente seguro de que não era um dos assaltantes, embora os agentes o tentassem convencer do contrário para «resolver o assunto». De regresso à escavação, atravessando a cidade numa das suas horas mortas, o telemóvel tocou, mostrando um número da Cidade do Vaticano. Era um *monsignore* e perguntava-lhe se podia atender o cardeal secretário de Estado.

O sempre maravilhosamente entusiástico Cardeal Rodrigo da Silva começou por pedir desculpa, se o seu telefonema interrompia alguma coisa que fosse importante.

— Tenho sempre tempo para ti, Eminência.

Os dois homens tinham-se tornado amigos muito rapidamente. Da Silva, um luso-americano, conhecera Cal alguns anos antes ao participarem ambos num painel académico no qual foi debatida a posição da Igreja sobre as mulheres e a liturgia. Da Silva era bispo de Fall Rivers, nessa altura. Depois disso, mantiveram-se em contacto e a amizade desenvolvera-se em torno de boa comida e de boas conversas. Quando Da Silva foi elevado à categoria de cardeal de Boston, Cal foi um dos seus convidados pessoais para a cerimónia da investidura, em Roma.

— Como está Boston? Devo dizer que tenho saudades da cidade.

— Eu também. Tenho estado na Turquia durante todo este mês, em escavações.

— Não consigo seguir-te, Cal. És um viajante incansável. Eu, infelizmente, estou preso com cola à cadeira das minhas funções.

— Bem, mas pareces satisfeito como sempre.

— É porque gosto do meu chefe. Sabes como isso é importante.

— E ele está bom?

— Está bom. Manda-te cumprimentos calorosos.

Fora Da Silva quem apresentara Cal a Celestino. O Papa precisara de alguém alheio ao Vaticano para ajudar na investigação em torno de um jovem padre que desenvolvera os estigmas de Jesus, e Cal tinha no currículo uma obra académica sobre a história dos estigmas. Depois disso, o Papa passou a chamar Cal, de vez em quando, para o ajudar noutros assuntos mais melindrosos que eram sempre mais bem tratados por alguém que estivesse fora da burocracia do Vaticano, conhecida por gostar muito de se queixar.

— Diz-lhe que gostaria muito de o voltar a ver. Infelizmente, não vou a Roma durante o meu mês habitual de verão. Talvez consiga ir no Natal.

— Ah, estou a ver. Mas há alguma flexibilidade nos teus planos de viagem? A Turquia não está exatamente na parte oposta do mundo, no que se refere à Itália.

— Vou partir em breve para a Islândia.

— Para a Islândia!... E o que é que lá há, se posso perguntar?

— A tundra, nascentes de água quente e uma mulher. E vodca, claro. Bem, eles têm uma coisa parecida com vodca, a que chamam «Morte Negra», e que estou interessado em examinar. Vou encontrar-me com uma amiga de Boston para uma escapadela.

Da Silva fez uma pausa cheia de significado antes de prosseguir:

— Não é meu desejo interferir na tua vida amorosa ou alcoólica, mas aconteceu uma coisa que é suficientemente urgente para o Papa convocar uma reunião de emergência do C8. E ele estava cheio de esperança de que pudesses vir cá.

O C8 era o conselho privado de Celestino e reunia oito dos seus cardeais conselheiros e confidentes.

— Que se passa? — perguntou Cal, andando mais depressa ao passar por uma loja de onde saía uma música ensurdedora.

— É alguma coisa de que possas falar ao telefone?

— Digamos apenas que temos um problema que envolve quatro pessoas. Uma delas chama-se George e as outras três chamam-se todas Maria.

Cal percebeu de imediato a quem se referia Da Silva. George Pole era o cardeal americano de Houston. Mas as Marias...

— Referes-te às Virgens Marias?

— Sim.

— Pensei que só houvesse duas. A das Filipinas e a da Irlanda.

— Há uma terceira rapariga da qual a imprensa parece não ter ainda tomado conhecimento. É do Peru. O Pole está a ameaçar fazer uma espécie de declaração de oposição pública se a Igreja não as reconhecer como milagrosas. O Santo Padre não quer uma escaramuça pública com o bom do cardeal, mas também não desejamos que se pense que cedemos à pressão dele. Mesmo que tivéssemos fundamentos canónicos para nos lançarmos numa investigação formal sobre milagres, sabes o tempo que isso demora.

— E o Pole também sabe.

— Sim. E todos nós sabemos como o George pode ser quando se agarra a uma questão que lhe traga benefícios políticos. Esperávamos que pudesses ocupar-te discretamente do assunto e dar-nos um conselho objetivo quanto aos factos.

— O Pole deu-vos um prazo?

— Duas semanas, a contar de agora.

— Isso é ridículo.

— É, não é?

Cal suspirou.

— Bem, suponho que tenho de ir fazer um telefonema à minha futura ex-namorada.

— Céus, Cal, sabes bem levar um velho amigo a sentir-se culpado.

— Sou meio judeu e meio católico, Eminência. A culpa, para mim, já está elevada ao nível de ciência.

Cal conseguiu visualizar o modo como as narinas de Jessica deviam estar a abrir-se. O nariz era produto de uma cirurgia plástica,

ligeiramente arrebitado, esculpido com toda a perícia por um dos melhores cirurgiões do ramo.

— Já devia estar à espera disto — declarou ela, fazendo notar ao telefone o seu tom furioso.

— Não estava nos meus planos — justificou Cal. — Apareceu de repente.

— Se ao menos soubesses quantos dos meus amigos me avisaram para não namorar contigo. — Era uma coisa que ela lhe costumava dizer de uma maneira provocatória, mas agora era bem a sério.

— É difícil dizer não ao Papa.

— E eu devo ficar impressionada pelo facto de o Papa ser o teu melhor amigo?

— Não é, mas já nos conhecemos há algum tempo.

Cal já sabia que a conversa ia tornar-se difícil, mas não porque o seu caso com Geraldine lhe pesasse na consciência. Não pesava. Uma relação de carácter sexual ocorrida numa escavação arqueológica não era coisa que pudesse ser classificada como traição. Era completamente diferente. Qualquer pessoa que pertencesse ao meio sabia que as escavações eram zonas de liberdade absoluta. O telefonema começava a tornar-se penoso, porque ele sabia como ela ficaria com a mudança de planos. Fora otimista ao pensar que o facto de ela ser católica pudesse ajudar, mas não ajudou. Cal afastou o telefone do ouvido alguns centímetros para proteger o tímpano.

— Andamos a planear esta viagem há meses. Estava talhada na pedra na minha agenda. Deviam ser as nossas primeiras férias juntos e aqui estás tu a lixar-me com a história do Papa. Podes dar-te ao luxo de teres as tuas férias de verão como um miúdo, mas eu não. Tenho um trabalho exigente com uma agenda programada ao minuto.

Jessica não estava a armar-se em importante. O trabalho dela era mesmo muito importante.

Tinham-se conhecido um ano antes, por intermédio de amigos mútuos que haviam arranjado um encontro quase às cegas, com a escolha estratégica de um restaurante na Central Square, em Cambridge, a meio caminho entre a Harvard Square, onde

ele trabalhava, e a Inman Square, onde ela vivia. Território neutro. Não foi logo ali que o interesse despertou. Foi preciso algum tempo para surgirem as chamas, como se estivessem a acender uma lareira com lenha húmida. Mas, para Cal, a lentidão não era má. As relações que tinham começado com maior intensidade — e já eram em número demasiado grande para as examinar — tendiam a extinguir-se depressa. Prova número 1: Geraldine. A que já mantinha com Jessica parecia poder ser duradoura. Talvez devido à simetria entre ambos. Estavam na casa dos quarenta e nunca se haviam casado. Tinham empregos de grande relevo. Jessica era uma cientista doutorada, CEO de uma grande empresa de biotecnologia e, a certa altura, já havia sido a mais jovem CEO de uma empresa de cuidados médicos cotada em Bolsa. Nos anais da Universidade de Harvard, Cal já era um dos professores mais novos nomeados para uma cátedra. Ambos possuíam uma compleição atlética de fazer voltar cabeças e eram fotogénicos como tudo. E ainda eram capazes de beber bastante e de se manterem sóbrios, com vinho, no caso dela. Na sua casa em Boston, que era o último andar de um prédio com segurança privada, dizia-se que havia uma garrafeira lendária, mas ela preencheria-a com uma seleção de vodcas raras para o manter satisfeito. Ou talvez por os dois viajarem bastante e não se verem incessantemente. Fosse qual fosse o motivo para o seu êxito romântico, que já ia a caminho de fazer um ano, Cal começou a pensar que não chegariam juntos a essa data.

— Porque é que não vens a Roma, em vez disso? — perguntou Cal. — Levo-te a conhecer o Papa, arranjo-te uma visita guiada ao Vaticano como VIP.

A linha ficou em silêncio. De quanto tempo é que ela precisava para que o sangue lhe fervesse?

— Fui a Itália há dois anos — disse ela, encolerizada. — Já fiz uma visita ao Vaticano, muito obrigada. Não vou à missa há mais de vinte anos e estar a vestir-me modestamente e a fazer vénias ao Papa não está entre as principais coisas que eu gostaria de fazer antes de morrer. Quero ir para a porra da Islândia e vou mesmo, contigo ou sem ti.

Capítulo 4

Manila, Filipinas

O letreiro nos lados do táxi dizia «Menino de Ouro». Cal não conseguiu decidir se era o nome da empresa ou do motorista. Não havia muito de dourado nem num caso nem no outro. O carro era um *Toyota* que já não ia para novo, com uma mozza num dos painéis traseiros, e o motorista parecia carecer de fazer a barba e de fumar um cigarro.

O porteiro do Hotel Peninsula, no bairro da moda de Makati, até sugerira que ele podia esperar por um táxi melhor, mas Cal pensou que «Menino de Ouro» seria o nome perfeito para o veículo que o iria levar à Aldeia Paraíso.

— Tem a certeza de que é para lá que quer ir, chefe? — perguntou o motorista, embrenhando-se no trânsito.

— Tenho a certeza. Porquê?

— É um sítio um pouco manhoso. Mesmo a esta hora do dia.

Não era uma revelação. Cal já fora avisado por um e-mail enviado pelo Padre Santos.

Mas o motorista ainda não acabara:

— Há muitos assassinos a soldo por lá. Quer contratar um assassino?

— Não, acho que não. Olhe, podia aumentar a força do ar condicionado? — No táxi, a diferença de temperatura relativamente ao exterior, onde o ar parecia ferver, não era muito acentuada.

— Já está no máximo, chefe. Tenho de meter mais *Freon*. Acho que há uma fuga. Quer que trate disso agora?

Cal baixou a janela.

— E se o fosse fazer depois de me deixar lá?

O nome de Aldeia Paraíso era ainda mais irónico do que o do táxi. Era um gigantesco bairro de lata na zona de Barangay Tonsuya, em Malabon, cheio de ligações ilegais de eletricidade e de água. Segundo um artigo que Cal lera, e que o motorista agora lhe confirmava na sua essência, o bairro era uma espécie de porto de abrigo para os assassinos a soldo de Manila.

Depois de uma viagem feita com lentidão pelas ruas congestionadas, o táxi deteve-se à beira de um portão de ferro, aberto, com letras ornamentadas que ligavam dois postes a anunciar a Aldeia Paraíso.

— Pronto, chefe, já cá estamos.

— Não entra?

— Disse que queria vir até aqui. É onde estamos.

Cal fora informado por Santos de que não havia de ruas nem números de portas. Santos também lhe enviara um mapa manuscrito que Cal mostrou ao motorista.

— Não fica longe. Pode ir a pé, parece-me. Além disso, não é seguro ir aí e alguns sítios são demasiado estreitos para carros.

Cal procurou algumas notas e não exagrou na gorjeta.

Atravessando o portal para o bairro de lata, Cal atraiu de imediato todas as atenções. Orientando-se pelo mapa do Padre Santos, começou a caminhar pelas ruas estreitas e não pavimentadas, seguido por uma comitiva crescente de crianças e de adolescentes que apontavam para o estrangeiro alto e que galhofavam em tagalo. Cal sorriu-lhes e acenou-lhes, tentando depois ignorar os adolescentes que lhe pediam dinheiro com gritos de «Eh, senhor!»

As ruas eram ladeadas por casas improvisadas, erguidas a partir de uma combinação de materiais baratos, como blocos de cimento, chapas onduladas de zinco e madeira prensada. O cheiro ambiente era uma combinação de tachos ao lume com casas de banho públicas. Quando chegou à rua que era o seu destino, começava a sentir-se como uma espécie de tocador de flauta de Hamelin, com um enorme bando de rapazes agressivos atrás de si.

A via era estreita e o táxi não teria conseguido passar. A meio caminho, um grupo de homens estava de guarda a uma grade de ferro que era a porta de uma casa feita de blocos de cimento por pintar, com linhas de reboco largas e sujas. Quando Cal se aproximou mais do X assinalado no mapa, os vigilantes apontaram para ele e avançaram, para lhe bloquear a entrada. Um deles, de músculos e tendões salientes numa camisola de alças, gritou-lhe em tons de fúria.

Cal não falava uma palavra de filipino. Parou a poucos braços esticados do homem que gritava e ofereceu-lhe o sorriso mais benigno que pôde arranjar, dadas as circunstâncias.

A multidão de rapazes encheu a rua e avançou, empurrando-o, bastante desconfortavelmente, na direção do homem dos gritos. Por cima de um dos seus poderosos ombros, Cal viu-lhe uma mancha de cores em cada um dos lados da grade: flores, velas em jarros pintados e fotografias de uma rapariga presas à parede com fita adesiva.

— Há alguém aqui que fale inglês? — perguntou Cal. Depois, levantando a voz, repetiu a pergunta. — Estou aqui para falar com o Padre Santos. Ele está?

Um dos vigilantes respondeu em inglês:

— Jornalistas não são permitidos! Deixem em paz a nossa Pequena Virgem. Ponha-se a andar daqui para fora!

— Mas eu não sou...

A multidão atrás dele empurrou-o, atirando-o contra o peito do brutamontes que gritava e rosnava.

O homem levantou as mãos, que pareciam aríetes, para o empurrar para trás, mas Cal já não conseguia sair da sua posição.

O vigilante que falava inglês tinha uma chave de mudar pneus na mão. Forçou a passagem até à linha da frente e ergueu a ferramenta bem acima da cabeça.

E Cal berrou:

— Padre Santos! Preciso da sua ajuda! Sou Cal Donovan! Do Vaticano!

* * *

Três dias antes

Desde o primeiro dia do seu pontificado que o Papa Celestino IV vivia e trabalhava numa das mais modestas residências do Vaticano. Quando anunciou que renunciaria aos aposentos papais tradicionais no Palácio Apostólico, que dão para a Praça de São Pedro, trocando-os por dois quartos na hospedaria Sanctae Marthae, os comentadores partiram do princípio de que era apenas uma ação de relações-públicas de curta duração. Mas não era. O pontífice, rotundo e elegante, vivia satisfeito num quarto modestamente mobilado e trabalhava no gabinete montado ao lado, comendo no refeitório comunitário onde conversava com o pessoal do Vaticano e com os bispos que o visitavam, e rezava e dizia missa na pequena capela da hospedaria. O seu secretário de Estado, o Cardeal Da Silva, um dos seus aliados e confidentes mais próximos, tomou uma decisão solidária: logo após ter sido nomeado para o cargo, também trocou o luxuoso apartamento posto à disposição dos cardeais secretários, optando em vez disso por um quarto da hospedaria, próximo dos aposentos do Papa.

Cal chegou ao Vaticano depois de ter percorrido a pé a distância que separava o hotel, próximo do Panteão, do Vaticano. A manhã estava quente e soalheira, à maneira de Roma, e a cidade pulsava com a atividade das pessoas que tratavam dos seus assuntos no universo alternativo habitado pelos turistas. No átrio houve várias pessoas que o reconheceram e algumas até se detiveram para o cumprimentar com cortesia. Nos últimos anos, Cal tornara-se visita regular do Vaticano, mas a docência e outros compromissos haviam-no afastado há mais de seis meses. Os dois homens — o Papa e o professor — tornaram-se mais do que meros conhecidos.

Um par de cardeais, absortos na conversa que mantinham, entrou na sala. Cal conhecia-os: um era nigeriano, o outro era espanhol. Eram ambos membros do C8. Sorriram a Cal, com ar de quem sabia o que se passava, e Vargas, o arcebispo de Toledo, teve-se para murmurar a Cal que ficava contente por vê-lo.

— Como está o Santo Padre? — perguntou Cal.

— Está outra vez a sentir-se desafiado. É um trabalho que não é fácil, professor, mas sabe como é.

Quem veio cumprimentar Cal foi a Irmã Elisabetta, que pediu desculpa pela espera.

Elisabetta Celestino era a jovem arqueóloga que se tornara freira, uma freira que fora decisiva para neutralizar a crise que rodeara o conclave eleitoral do Papa e cujo apelido fora honrado pelo Cardeal Aspromonte ao escolher como nome papal o de Celestino, a mulher que o pontífice promovera, levando-a da posição na Comissão Pontifícia para a Arqueologia Sacra ao cargo de principal secretária pessoal do Papa.

— Cheguei mais cedo — replicou Cal.

O rosto dela, perfeito e sem uma ruga, estava emoldurado pelo véu da sua ordem, a das Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria, uma congregação dedicada ao ensino. Cal ficava sempre surpreendido pela sua beleza, tão desconcertante que achava difícil conciliá-la com a vida que ela escolhera. Mas sempre se portara impecavelmente na sua presença, dominando os impulsos naturais para a sedução.

— Ah, mas já estamos atrasados. Tento manter isto tudo a funcionar às horas marcadas — disse ela, com um breve sorriso. — É uma tarefa difícil com o Santo Padre.

— Ele gosta de falar — comentou Cal.

Avançando lado a lado pelo corredor que conduzia ao gabinete de Celestino, a Irmã Elisabetta disse-lhe que sabia que ele alterara os planos de viagem para estar presente na reunião.

— Já foi à Islândia alguma vez?

— Não.

— Eu também não.

O Papa já o esperava, na companhia de Da Silva, e, quando Cal entrou no pequeno gabinete, o cardeal secretário de Estado desviou-se para permitir a Cal conceder ao pontífice toda a sua atenção.

— É maravilhoso voltar a vê-lo, Santo Padre.

Celestino fez o que sempre fazia quando via Cal depois de passado algum tempo: estendeu as mãos para o agarrar pelos ombros,

mantendo-se assim, de olhos brilhantes, inclinando a cabeça para o lado e fitando-o diretamente, olhos nos olhos.

— E a si também, professor. É um prazer revê-lo, embora a culpa me atormente. O Rodrigo disse-me que eu lhe interrompi os planos que tinha para as férias. Não posso sentir-me mais penalizado pelo que fiz.

Da Silva interveio, num tom alegre:

— Como é que a tua amiga recebeu a notícia?

— Tão bem como eu esperava que recebesse.

— Então são boas as notícias, não são? — tornou o Papa, libertando Cal do seu abraço.

— Por acaso, até esperava que corresse pior — disse Cal, acompanhando a frase com uma gargalhada. Pelo canto do olho, viu a Irmã Elisabetta a reprimir um sorriso.

Celestino fez uma careta e deixou que o assunto desaparecesse por si, enquanto Elisabetta extraiu o seu bloco de apontamentos de um qualquer esconderijo no seu hábito, sentando-se depois a um canto — era a sua maneira de garantir que a reunião devia começar nesse instante.

— Portanto, professor — começou o Papa —, parece que temos um problema com o nosso querido amigo George Pole.

Pole, como Cal tão bem sabia, não era um amigo deste Papa, mas, dada a maneira como Celestino se referia a ele — sem vestígio de sarcasmo —, até podia a estar a falar de um verdadeiro conterrâneo.

— É claro que Pole não pode estar à espera da declaração de um milagre, nem sequer de uma investigação sobre milagres — disse Cal. — Isso verifica-se no decurso do processo de beatificação e de canonização, o que só se faz quando a pessoa já morreu. Estas raparigas estão bem vivas, a não ser que eu esteja mal informado.

— Não, as três raparigas estão seguramente vivas — retorquiu o Papa. — O Rodrigo perguntou diretamente ao George o que ele quer. Conte ao professor o que ele lhe disse.

— Ele disse-me que o Vaticano tem de fazer qualquer coisa de extraordinário neste caso, mesmo que não haja precedentes. Disse-me ele: «Por amor de Deus, Rodrigo, três virgens, todas

chamadas Maria, estão grávidas e a Igreja está calada? Exijo que este Papa faça uma declaração espiritual.» Portanto, perguntei ao George que tipo de declaração é que ele tinha em mente.

— E que disse ele? — perguntou Cal.

— Disse que queria que o processo de beatificação começasse imediatamente. E não lhe interessava que elas estivessem vivas. Disse que, se alguma vez houvesse um caso que exigisse a declaração de santos vivos, era este. Bem vistas as coisas, ele está a deixar que seja o Vaticano a decidir a forma da declaração espiritual, mas eu fiquei com uma impressão muito clara de que ele quer que nós abramos um procedimento de Causa de Beatificação e Canonização.

— E se for esse o caso? Que fará ele? — perguntou Cal.

— Ele não foi tão longe — respondeu Da Silva. — Mas, conhecendo-o, será qualquer coisa que se fará ouvir bastante alto.

Celestino deu uma risada e comentou:

— Como é que se diz a respeito destas coisas? Ele sabe lidar com os *media*.

— Mas o que é que ele espera ganhar com isto? — perguntou Cal.

Da Silva olhou para o Papa, para que este respondesse, mas como Celestino ficou em silêncio, respondeu ele:

— Acima de tudo, o George está interessado em arranjar problemas a este pontificado. Se fizermos qualquer coisa de extraordinário, dirá que foi dele a iniciativa para que agíssemos. Se não fizermos nada, ou menos do que ele espera, vai pôr-nos no pelourinho.

— Como é que posso ajudar? — perguntou Cal. — Mais especificamente, o que posso eu fazer em duas semanas?

Celestino estendeu os braços sobre o seu ventre prodigioso e entrelaçou os dedos antes de responder:

— Professor, o senhor é um homem imparcial, analítico, conhecedor dos pontos de vista históricos em matéria de milagres e de santidade, e, acima de tudo, uma pessoa em quem confiamos. Também é uma ajuda o facto de não fazer parte da máquina do Vaticano. Se tivesse de escolher um bispo ou um monsenhor para

esta tarefa, a sua abordagem seria a de procurar a verdade que pensasse que me agradaria. No seu caso, procurará apenas a verdade.

— E o que é que quer saber?

Celestino olhou para o teto, como que em busca de inspiração.

— Temos três raparigas católicas chamadas Maria, de quem se diz serem todas virgens e que ficaram grávidas mais ou menos ao mesmo tempo. Obtivemos em cada caso informações básicas, fornecidas pelas respetivas paróquias, mas os padres que estão mais próximos destas raparigas não se encontram preparados para fazer seja que investigação for na qual possamos confiar. Precisamos que vá visitar estas raparigas e as suas famílias e que faça a sua própria avaliação.

— Não sou médico — disse Cal.

— Soubemos que os padres locais obtiveram documentos clínicos — disse Da Silva. — Reúne-os, se puderes, e faremos a sua análise aqui em Roma.

O Papa acenou afirmativamente com a cabeça e acrescentou:

— É ainda mais importante para mim saber qual é a impressão com que fica das circunstâncias destas gravidezes e o que pensa sobre a credibilidade das raparigas e das suas famílias. Eu não posso, muito simplesmente, ter uma reação a esta situação tão incrível sem mais informações. Estamos a lidar com uma aldrabice impossível, com ou sem propósitos sinistros, ou com uma grande constelação de milagres? Esta é a questão fundamental.

— Claro que é uma aldrabice — interveio Da Silva. — Há alguém por detrás disto, é o que dá vontade de dizer.

A boca do Papa torceu-se num sorriso:

— Rodrigo, ainda bem que não vivia em Belém há dois mil anos, a tomar conta dos estábulos. Era capaz de ter expulsado a Virgem Maria.

Da Silva não se mostrou impressionado.

— Uma virgem a dar à luz foi um acontecimento único na História — recordou. — A Bíblia anuncia-nos uma segunda vinda de Jesus Cristo, mas não mais virgens a dar à luz. Do que já leste sobre as duas raparigas de que foste informado, o que é que *tu* pensas, Cal?

— Não tenho nenhuma ideia formada, o que será talvez um bom ponto de partida para este tipo de missão. A propósito, o George Pole sabe da terceira rapariga, a do Peru?

— Sabe — respondeu Da Silva —, embora não tivesse saído nada publicamente. Quando lhe perguntei como é que ele sabia, disse-me que a informação lhe chegara por um prelado da América do Sul cujo nome não revela.

— Só para que as coisas fiquem claras — disse Cal —, querem que eu fale com as raparigas nas Filipinas, na Irlanda e no Peru, e que as investigue nestas duas semanas?

O Papa olhou para ele, com ar de quem pede desculpa.

— Eu sei que isso apresenta algumas dificuldades — respondeu —, mas a Irmã Elisabetta falará com o gabinete que trata das viagens para fazer tudo para que a sua jornada seja o mais eficaz e confortável possível.

— Posso fazer uma sugestão? Bem, um pedido — disse Cal. — Posso ter a ajuda de um colega em quem muito confio? Trata-se de um antigo estudante meu de pós-graduação na Faculdade de Teologia, um padre irlandês chamado Joseph Murphy, que é agora professor na Universidade de Harvard. O Joe é um tipo formidável e um excelente perito, em quem se pode confiar totalmente. Falo nele porque sei que tem estado a acompanhar de perto as notícias sobre a Maria irlandesa. Ela é de Gort, perto da antiga paróquia dele, e ele disse-me que conhece os padres de lá. Se estivesse disponível, seria perfeito. Dava-me mais tempo para as outras duas raparigas.

— Muito bem, chame o seu padre — disse o Papa.

Elisabetta pousou a caneta.

— Onde é que pretende ir primeiro, professor? — perguntou. — A Lima ou a Manila?

Cal encolheu os ombros.

— Estou nas suas mãos — respondeu.

— Vou tentar arranjar-lhe um voo para as Filipinas amanhã — disse Elisabetta — e vou contactar o sacerdote que tem acompanhado o caso, o Padre Santos, para o informar.

— Classe executiva — disse Da Silva.

— Primeira classe — corrigiu o Papa. — É um voo muito longo e eu quero que o meu amigo esteja bem descansado para lidar melhor com o que encontrar.

Cal ficou de tal modo imobilizado pela pressão dos corpos da frente e de trás que nem sequer conseguiu levantar os braços para amparar o golpe da ferramenta de ferro que ia abater-se sobre ele. A única coisa que conseguiu fazer foi mexer a cabeça, para o golpe não lhe acertar em cheio, ao mesmo tempo que se obrigava a manter os olhos fixos na arma, negra sobre o céu brilhante.

— *Itigil! Itigil! Sa pangalan ng Diyos, itigil!*

Só depois é que Cal soube que o que o padre Santos estava a gritar era: «Parem! Parem! Em nome de Deus, parem!»

Um homem mais volumoso podia ter tido dificuldade em furar por entre a multidão, mas Santos era suficientemente pequeno para se enfiar pelos espaços mais reduzidos e conseguir chegar até ao latação com o ferro na mão. O sacerdote disse-lhe qualquer coisa e o homem baixou, lentamente, a arma improvisada.

— Professor Donovan — disse o recém-chegado, estendendo-lhe a mão. — Peço muita desculpa. Não ficou magoado, pois não?

— Estou bem, obrigado. Mas isto ficou bastante feio, e muito rapidamente.

— São muito protetores relativamente à nossa Maria. Mas, por favor, por favor, venha para dentro comigo.

A falange dos homens abriu-se, obedientemente, e Cal foi atrás de Santos até ao interior da casa. A divisão em que entraram era pequena, integrando a cozinha e o espaço principal, com um tapete esfiapado por cima do chão de cimento, alguns móveis usados, um velho fogareiro a gás e um lavatório com uma canalização improvisada e bem à vista. Se lá fora estavam de guarda os homens, no interior os vigilantes eram femininos.

— Deixe-me apresentá-lo à mãe — disse Santos.

A mãe de Maria, de aspeto juvenil, tinha uma cor de pele castanha como a de uma avelã. A pele, bronzeada pelo efeito do sol, parecia rija como uma casca de noz. Olhou de relance para o

americano alto, cuja cabeça se aproximava perigosamente do teto, mas fez um sorriso largo quando o padre lhe explicou que ele era o homem do Vaticano de quem estavam à espera.

— O Santo Padre envia-lhe a sua bênção — disse Cal, e era verdade. Santos fez a tradução e a mulher persignou-se. — Posso fazer algumas perguntas à Sra. Aquino e à filha?

A mulher acenou afirmativamente com a cabeça, mas insistiu em que Cal aceitasse uma laranjada, o que ele fez com um agradecimento. Ao beber o líquido enjoativamente doce, não conseguiu deixar de pensar que teria ficado melhor com um *shot* de vodca. Ao devolver o copo vazio, viu ao lado do sofá, com sinais de muito uso, um saco de serapilheira cheio, a deitar por fora.

— Correio — disse o padre — de todo o mundo. — Ao lado do saco ressonava uma mulher de aspeto obeso. — Aquela senhora está encarregada de abrir as cartas e de tirar o dinheiro. Não sei quanto já há até agora, mas para esta família é seguramente uma fortuna.

Maria encontrava-se num quarto das traseiras que não era maior do que um armário, de pernas cruzadas num colchão assente no chão de cimento, com um livro para colorir e uma caixa de lápis novos no colo. Levantou os olhos para ele, o olhar bovino de quem espreita por trás das lentes dos óculos, examinando-o, perdendo depois o interesse por ele e pegando num lápis verde de tonalidade diferente.

Cal sabia que ela estava grávida de sete meses, mas era difícil de perceber. A camisola bonita e rendilhada (um presente enviado por correio, que alguém endereçara a Santa Maria, Manila, Filipinas) escondia-lhe o ventre com os seus folhos. Também sabia que ela tinha 16 anos, mas, se tivesse de pôr-se a adivinhar, teria dito que ela estaria apenas com 13 ou, quando muito, com 14 anos.

Cal agachou-se, sorriu e disse-lhe:

— Olá, Maria, o meu nome é Cal. Será que posso ver o que estás a desenhar?

O padre traduziu e a rapariga virou o livro para ele. Era uma cena do Antigo Testamento: Jonas dentro da baleia.

— O Jonas parece bastante confortável aí dentro — disse Cal.
— Sabes o que lhe aconteceu?

A rapariga abanou a cabeça.

— Ele rezou a Deus e Deus fez com que a baleia o cuspiisse.

A resposta fez a rapariga rir-se.

A mãe dela sentou-se a seu lado e Cal abriu uma aplicação de gravação no telemóvel. Santos também se agachou, e ficaram todos ao mesmo nível.

— Pergunte-lhe se posso fazer uma gravação — pediu-lhe Cal.

— Diga-lhe que o Papa gostava de ouvir a voz dela.

A Sra. Aquino concordou prontamente e disse à filha que devia responder às perguntas com verdade, porque o Santo Padre perceberia se ela estivesse a mentir. Estendeu a mão para o pescoço da rapariga e tirou-lhe do interior da camisola um pequeno crucifixo de madeira preso a um colar de couro, para que ficasse visível para os seus interrogadores. Os irmãos e as irmãs de Maria, todos mais novos, começaram a entrar, vindos do quarto coletivo onde dormiam, respeitosos da ordem de silêncio da mãe, que levava o dedo aos lábios.

Cal pigarreou e, com a rapariga ainda descontraída, começou pela pergunta que seria a mais difícil de todas:

— Maria, sabes como se fazem os bebés?

Maria olhou para a mãe antes de responder:

— Sim.

— E como é?

— O rapaz planta a sua semente na rapariga.

— E sabes como é que o rapaz faz isso?

Maria voltou a olhar para a mãe, que a autorizou a responder com um aceno de cabeça.

Mas a filha não respondeu logo, preferindo ganhar tempo enquanto escolhia outro lápis. Experimentou-o e disse:

— Ele põe o pénis aqui. — Fez um gesto para as suas partes íntimas.

— E um rapaz fez-te isso?

— Não.

— Tens a certeza?

A Sra. Aquino interveio:

— Mas ninguém disse ao Santo Padre que ela ainda é virgem? Já viram na clínica e no hospital. A Maria é uma boa rapariga.

Antes de Cal poder responder que eram perguntas de rotina, a rapariga respondeu voluntariamente: tinha a certeza.

— Muito bem, Maria. Eu acredito em ti. Gostaria que pensasses no que aconteceu há sete meses. Aconteceu contigo alguma coisa de invulgar? Algo que te tenha ficado na memória?

— Como o quê?

— Qualquer coisa que não fosse normal. De que te lembres. Diz só o que te vier à cabeça. Não há respostas tontas.

A rapariga fechou os olhos e rodou a cabeça, num meneio quase teatral, até a mãe lhe dizer que parasse e respondesse ao homem.

E nessa altura, de repente, Maria abriu os olhos e disse:

— Houve uma luz brilhante. Lembro-me disso. É invulgar?

Cal levantara-se para aliviar uma câibra numa perna, mas voltou a agachar-se logo, para a fitar ao nível dos olhos.

— Tu é que podes dizer, Maria. Achas que a luz era invulgar?

— Acho.

— Fala-me mais da luz. Do que estavas a fazer quando a viste.

— Estava a andar.

— Onde?

— Aqui, na Aldeia Paraíso.

— Em que sítio da aldeia? Na tua casa?

— Não, perto da casa da Lulu.

A rapariga apontou numa direção genérica. Santos perguntou à mãe de Maria e depois disse a Cal que ficava no lado oposto do bairro de lata, talvez a 15 minutos de caminho a pé.

— Estavas com a tua amiga, a Lulu, quando viste a luz? — perguntou Cal.

— Estava sozinha.

— Foi durante o dia? Ou à noite?

— Estava escuro.

— O que estavas a fazer quando viste a luz?

— Ia para casa da Lulu.

— Viste alguém na rua?

— Não, só a luz. Feriu-me os olhos.

— Ouviste alguma coisa? Algum som? Alguma voz?

— Não, nessa altura, não.

— Então quando?

— Não sei. Mais tarde, acho eu.

— Um som?

— Uma voz.

Cal engoliu em seco e olhou para o Padre Santos, que lhe retorquiu rapidamente:

— Ela nunca nos contou isto.

— Era uma voz de homem ou de mulher? — perguntou Cal.

— De homem.

— Que disse ele?

Maria disse qualquer coisa, mas Santos não a traduziu logo.

— Que disse ele? — perguntou-lhe Cal.

— Ela diz: «Foste escolhida.»

Cal pediu a Maria que repetisse o que dissera e ela fê-lo.

— Estavas na rua quando a voz disse isso?

— Não sei. Não me lembro.

— Ainda tinhas a luz na cara quando ouviste a voz?

— Não.

— Muito bem. Vamos voltar ao momento em que viste a luz.

O que fizeste?

— Fazer? Não fiz nada.

— Quer dizer, o que é que aconteceu a seguir?

— Não me lembro.

— A luz foi-se embora?

— Não me lembro.

— Continuaste a andar em direção à casa da Lulu?

A inquietação de Maria transformou-se em irritação e ela respondeu a gritar:

— Já disse que não me lembro!

Cal levantou-se e fez uma pausa estudada para a rapariga se acalmar. Sentiu que o Padre Santos ia repreendê-la e disse ao sacerdote que estava tudo bem.

Depois sorriu a Maria e disse-lhe:

— Peço desculpa por todas estas perguntas. Vim de muito longe para te ver. Tenho mais algumas perguntas, mas quando terminar dou-te um presente que o Papa Celestino me pediu para te entregar.

— O que é? — perguntou Maria, avidamente.

— Mostro-to em breve. Posso fazer-te mais perguntas agora?

Maria fez que sim com a cabeça.

— Muito bem. Costumas ir a casa da Lulu muitas vezes à noite?

— Costumava, mas agora não. A mamã não me deixa sair.

— É gente a mais — disse a mãe. — Toda a gente quer tocar-lhe. As multidões são perigosas.

— Onde é que dormiste naquela noite, Maria?

A rapariga ficou a pensar, por instantes.

— Em casa da Lulu.

— Lembras-te de lá teres chegado?

Maria acenou afirmativamente com a cabeça.

— Lembras-te do que fizeste quando chegaste a casa da tua amiga?

— Vimos uma revista e depois fomos dormir.

— Falaste à Lulu na luz?

— Não.

— E na voz?

— Não.

— A experiência assustou-te?

— Sim.

— Tiveste alguma dor?

— Acho que não.

— Alguma dor lá em baixo, abaixo da tua cintura?

— Não.

— Lembras-te daquilo que fizeste quando acordaste na manhã seguinte?

— Brincámos. Não era dia de escola.

— E falaste à tua mãe na luz ou na voz?

— Ela não me disse nada — respondeu a mãe.

— Maria, desde essa noite, tornaste a ver a luz?

— Não, nunca.

— E ouviste a voz outra vez?

— Não.

— E viste mais alguma coisa que fosse estranha ou que te assustasse?

— Não.

— Obrigado, Maria. Sra. Aquino, lembra-se da noite de que a Maria fala?

— Não, na realidade, não. Ela costumava ir muitas vezes a casa da Lulu. É maior do que a nossa e ela tem mais brinquedos. O pai da Lulu tem um bom emprego. O meu marido, que descansava em paz, foi morto.

— Lamento muito.

— Acha que a Igreja nos deixará usar o dinheiro que as pessoas nos têm mandado para nos mudarmos para uma casa maior?

— Penso que isso é convosco, não com a Igreja — respondeu Cal.

O Padre Santos concordou.

— Podemos voltar àquela noite? — perguntou Cal.

A mãe de Maria ficou a pensar e disse:

— Deve ter sido uma sexta-feira, porque ela disse que não havia aulas no dia seguinte.

— Deixa-a andar sempre assim sozinha?

— Sim, não há problemas aqui. Eles normalmente deixam os miúdos em paz.

— Eles quem?

— Os gângsteres.

— Quando ela sai, a que horas costuma sair de casa?

— Depois do jantar, talvez pelas sete horas.

Santos respondeu à pergunta seguinte de Cal antes de ele a fazer:

— Há sete meses, já estaria escuro a essa hora.

— Maria, há alguma coisa de que te possas lembrar ou que gostasses de dizer a propósito dessa noite?

— Não, posso receber agora o meu presente?

Era um pequeno guarda-joias com uma cobertura de couro vermelho com o selo papal branco estampado. Maria abriu-o rapidamente, tirou o crucifixo dourado com a corrente e mostrou-o à mãe.

— O próprio Papa abençoou-o — disse Cal.

— Que Deus o abençoe! — exclamou a mãe. — Maria, nunca deves tirá-lo.

Quando terminou, na casa de Maria, Cal deixou-se guiar pelo Padre Santos através das ruas estreitas da Aldeia Paraíso a caminho da casa da amiga, Lulu Ruiz. As duas raparigas eram colegas de escola. Era impraticável para Maria continuar a ir à escola, mas Lulu ainda era aluna, pelo que tiveram de esperar que chegasse a casa. Cal aproveitou o tempo para fazer perguntas à mãe e à tia da rapariga sobre a noite em questão. Era uma noite de que se lembravam bem, porque Maria chegara, para dormir em casa da amiga, mais tarde do que era habitual e parecia um pouco estonteada.

— Os olhos estavam estranhos — disse a tia.

— Ela disse alguma coisa sobre o que lhe aconteceu? — perguntou Cal.

— Não disse nada.

— Nem falou numa luz brilhante?

Parecia que não. Como era tarde, as raparigas tinham brincado durante pouco tempo antes de irem para a cama, e foi só isso. As mulheres não sabiam mais. Quando Lulu chegou, no seu uniforme da escola católica, saia plissada, camisa branca e sapatos pretos, foi ainda menos útil. Não se lembrava de nada dessa noite e ela e Maria nunca mais haviam falado sobre isso.

— A Maria costumava vir cá muitas vezes — disse Lulu, com ar triste. — Agora já não vem mais. Tenho saudades dela.

Mais tarde, enquanto esperava por um táxi perto da entrada da Aldeia Paraíso, Cal recebeu das mãos do Padre Santos alguns dos registos clínicos de Maria que ele obtivera. A fumar um cigarro, o sacerdote perguntou a Cal se achara útil a visita.

— Pouco, obviamente — respondeu Cal.

- O que é que vai dizer ao Vaticano?
- Suponho que lhes direi que não sei o que raio se passa.
- E onde é que vai a seguir?
- Quase ao outro lado do mundo, para ver outra rapariga chamada Maria.

POR DETRÁS DE UM FENÓMENO MILAGROSO
ESCONDE-SE UMA AMEAÇA QUE PODERÁ MUDAR
A IGREJA CATÓLICA PARA SEMPRE.

TRÊS MILAGRES

Em diferentes pontos do mundo, três adolescentes engravidam. Todas se chamam Maria e todas são virgens. Cal Donovan, professor de Harvard especializado em Religião e Arqueologia, é convocado pelo Papa Celestino IV para investigar estes acontecimentos. Será possível que as jovens tragam nos ventres os filhos de Deus?

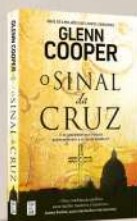
UM POSSÍVEL RAPTO

George Pole, um cardeal americano conservador que discorda dos ideais progressistas do Papa, ameaça fazer uma declaração de oposição pública à Igreja Católica caso as três virgens não sejam reconhecidas como milagrosas, o que poderia originar um novo cisma. Porém, antes de Cal ter oportunidade de investigar todas as raparigas, as três desaparecem.

UMA INSTITUIÇÃO MILENAR EM RISCO

Enquanto tenta encontrar as jovens e descobrir a verdade, Cal apercebe-se dos interesses escondidos por detrás do aparente milagre. Poderá este acontecimento promover uma renovação de fé ou será responsável pelo desmoronar da Igreja Católica?

LEIA TAMBÉM:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-943-8



9 789896 689438

Thriller